

Desigualdade no ensino das escolas públicas e privadas está mais grave

A afirmação é de especialistas
consultados por A Tribuna.

>2 a 4

DESAFIOS NA EDUCAÇÃO

Desigualdade no ensino das escolas está mais grave

Contraste entre a educação oferecida pelas redes pública e privada aumentou durante a pandemia, segundo especialistas

Ana Carolina Favalessa
Lorry Martins

O ensino remoto, a aprendizagem a distância e a falta de convívio social foram alguns dos problemas enfrentados pelos alunos durante a pandemia.

Mas, para alguns estudantes, chegar ao fim do ano letivo foi ainda mais desafiador. Esse é o caso de muitas crianças e adolescentes pretas e pardas, de mais baixa renda e sem acesso à internet – concentradas, majoritariamente, na rede pública de ensino.

Um estudante de 6 anos de uma escola particular, por exemplo, já começou a aprender as primeiras palavras e a desenvolver a leitura, mesmo em meio às aulas virtuais.

Um outro aluno, também de 6 anos, estuda na rede pública e teve dificuldades com a leitura, por não ter acesso à internet e só ter recebido uma apostila para se alfabetizar. Ele ainda não sabe ler e nem escrever o nome da própria família.

Esses são exemplos de contrastes na aprendizagem relatados pelos especialistas e correspondem apenas a uma das lacunas na edu-



LEONE IGLESIAS/AT

cação brasileira. Dentro de cada uma dessas redes – pública e privada – há, também, muitas outras desigualdades, de acordo com professores e educadores.

Segundo a professora e diretora do Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Espírito

Santo (Sindiupes) Noêmia Simonnassi, na rede privada, por exemplo, há crianças que saem da creche com 5 anos já sabendo ler.

“Por outro lado, na rede pública, há alunos terminando o 4º ou o 5º ano (geralmente, entre 8 e 10 anos) sem saber ler, interpretar e fazer as

quatro operações de Matemática”.

A estrutura de ensino foi outro fator de desigualdade, salientou o especialista em Sistemas Educacionais Edebrando Cavaliari.

“Os alunos da rede pública, além de terem menos aulas presenciais ou remotas, também tive-

ram muitas dificuldades com estrutura adequada para a aprendizagem”, aponta.

O coordenador de Políticas Educacionais da organização Todos Pela Educação, Ivan Gontijo, pontua que as desigualdades na aprendizagem já existiam, mas que foram agravadas pela pandemia.

“Agora, as escolas precisam reconhecer que entre os estudantes foram criadas lacunas de aprendizagem. Há uma série de ações que podem ser feitas, como identificar quem são os estudantes com defasagens, tentar fazer turmas menores e separar os alunos por dificuldade, por exemplo”, recomenda.

PLANOS

Reforço escolar

O período do isolamento social e do ensino remoto foi um momento difícil para a estudante Anna Klara Barreto da Silva, de 13 anos, que estuda na rede municipal de Vitória.

A mãe dela, a assistente de educação infantil Maria José Barreto, de 49 anos, disse que a filha, apesar de se esforçar muito, teve dificuldades nas disciplinas de Português, Matemática e Inglês.

“Ela teve muitas dificuldades, mas é bem esforçada e faz pesquisa a respeito das matérias e do que os professores vão apresentar nas aulas”, disse a mãe.

Ela ressaltou que irá colocar a filha no reforço escolar neste ano, para melhorar a aprendizagem.

“Na rede pública, houve menos aulas e muitas dificuldades com estrutura”

Edebrante Cavaliere, especialista em Sistemas Educacionais

SAIBA MAIS

Desigualdades

> AS DESIGUALDADES no ensino brasileiro podem ser observadas em diferentes esferas: entre os estudantes de uma mesma escola e entre as redes pública e privada.

> EM 2018, na avaliação do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), o Brasil era uma das cinco economias mais desiguais do mundo na educação. Com a pandemia, a situação piorou ainda mais.

No acesso à internet

> UMA PESQUISA do Instituto Datafolha mostrou que 37% dos estudantes não possuem acesso à internet banda larga – número significativamente

mais alto nas regiões Nordeste (51%) e Norte (46%).

> REALIZADO EM DEZEMBRO de 2021, o estudo “Educação não presencial na perspectiva dos estudantes e suas famílias” foi encomendado pela Fundação Lemann, Fundação Itaú Social e pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

Em questão de raça/cor

> AS DESIGUALDADES entre brancos e pretos cresceram em todas as etapas e disciplinas, de acordo com uma pesquisa realizada pela organização Todos Pela Educação.

> EM MATEMÁTICA, por exemplo, enquanto 53,4% dos alunos brancos do 9º ano do ensino fundamental alcançavam nível de aprendizagem considerado adequado, apenas 29,8% dos alunos pretos de mesma série atingiram esse nível. Já com relação aos pardos, 38,5% alcançaram o nível adequado de aprendizagem. Os dados são referentes a 2019.

Em nível socioeconômico

> AS CLASSES menos favorecidas economicamente foram também



ESTUDANTE com notebook: atividade

muito impactadas com a pandemia. A maioria delas, inclusive, está nas redes públicas de ensino do País.

> **ESSES ESTUDANTES** mais pobres foram os que mais passaram fome e tiveram familiares que perderam o emprego, segundo o coordenador de Políticas Educacionais de Todos Pela Educação, Ivan Gontijo.

Outros desafios

Aumento do risco de abandono escolar

> **ALÉM DO AUMENTO** da desigualdade no ensino, outro desafio que a educação brasileira enfrenta é o crescimento do risco de evasão escolar entre os estudantes. Um estudo divulgado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) mostrou que a evasão escolar aumentou na faixa etária de 5 a 9 anos durante a pandemia, passando de 1,41% para 5,51% entre 2019 e 2020 – um crescimento de 197,8%.

Problemas na alfabetização

> **NO ÚLTIMO ANO**, 40,8% das crianças de 6 e 7 anos do País não aprenderam a ler e a escrever, o equivalente a



ALUNOS em sala de aula: impactos

2,4 milhões de estudantes, segundo a organização Todos pela Educação.

Piora em Português e Matemática no Estado

> **ESTUDANTES** da rede pública estadual tiveram piora no aprendizado de Português e Matemática, segundo o Programa de Avaliação da Educação Básica do Espírito Santo (Paebes), divulgado na última semana. A queda no desempenho foi registrada, principalmente, no 1º, 2º e 3º ano do ensino fundamental.

Propostas de melhorias

> **O PRIMEIRO PASSO** para enfrentar

as desigualdades e defasagens na educação é reconhecer as lacunas de aprendizagem e as principais dificuldades dos alunos.

> **DEPOIS DISSO**, uma série de ações podem ser feitas para acelerar a aprendizagem, como tentar fazer turmas menores, separar os alunos por dificuldade e ampliar as escolas de tempo integral, por exemplo.

> **OUTRA ESTRATÉGIA** é realizar a formação específica dos professores para fazerem reforço escolar.

> **UMA DAS ALTERNATIVAS** de lidar com os impactos da pandemia é o investimento em tecnologia. A gerente sênior de Educação da Fundação Telefônica Vivo, Lia Glaz, acredita que isso será possível, desde que haja infraestrutura disponível nas escolas e que os professores estejam preparados com as habilidades digitais necessárias.

Fonte: Coordenadora de Políticas Educacionais na Fundação Lemann, Renata Ferraz; especialista em Sistemas Educacionais Edebrande Cavalieri; organização Todos Pela Educação; Fundação Telefônica Vivo e Secretaria de Estado da Educação (Sedu).

DESAFIOS NA EDUCAÇÃO

“Meu filho tem 9 anos e não está alfabetizado”

O fato de o filho de 9 anos ainda não ter aprendido a ler e a escrever preocupa sua mãe, a recuperadora de crédito Patricia de Souza Ferreira, de 36. Ela teme que a defasagem traga prejuízos futuros para o garoto.

Kalebe de Souza Jesus, que em setembro vai completar 10 anos de idade, está no 4º ano do ensino fundamental de uma escola pública municipal da Serra.

“Na última semana, ele falou comigo, com tristeza, que a professora pediu que copiasse com letra cursiva, mas ele só sabe escrever com letra de forma. Ele tem 9 anos e ainda não está alfabetizado”, conta a mãe de Kalebe.

Mas, o problema do filho de Patricia não é isolado: no último ano, 40,8% das crianças de 6 e 7 anos do País não aprenderam a ler e a escrever, o equivalente a 2,4 milhões

de estudantes, de acordo com levantamento feito pela organização não governamental Todos pela Educação.

No Brasil, geralmente, as crianças aprendem a ler e a escrever entre 6 e 8 anos de idade, até o momento em que chegam ao 3º ano do ensino fundamental.

Para Patricia, a dificuldade do filho foi acentuada devido à pandemia, com o ensino remoto. Ela relatou que, por mais que tentasse ajudá-lo, não conseguia ensinar da mesma forma que um professor.

Ao revelar que o sonho de Kalebe é ser policial, a mãe admite temer que a dificuldade na aprendizagem diminua a autoestima dele e o faça desistir dos sonhos.

“Será que quando ele tiver 18 anos vai estar realmente preparado? Será que vai conseguir recuperar esses anos perdidos?”, questiona

na Patricia.

“Ele é uma criança negra, filho de pais separados. Minha condição é limitada, mas eu o incentivo muito e digo que ele pode ser o que quiser ser”, relata.

De acordo com a doutora em Educação Edna Tavares, situações como a de Kalebe necessitam de intervenções rápidas e eficazes do poder público ou da família.

“É inimaginável na sociedade atual que uma criança com essa idade ainda não saiba ler e escrever. É preocupante, pois, se a situação continua assim, é provável que essa criança seja colocada à margem da sociedade e sofra, pois tudo o que se faz hoje, tem necessidade de leitura e escrita”, alerta.

“Os impactos sociais e emocionais podem trazer danos irreversíveis na vida adulta”, completa a especialista.



ANTONIO MORGENTHAU

ENSINO REMOTO

Dificuldades

Matemática e Português foram as disciplinas de maior dificuldade para o estudante da rede municipal da Serra Davi Bugarelli, de 12 anos, durante o ensino remoto. A mãe dele, a empresária Estefânia Bugarelli, de 33 anos, acredita que o filho ficou sobrecarregado com a quantidade de exercícios solicitados pela escola.

“Entregavam apostila e davam prazo. Mas como fazer um exercício de uma matéria que nunca tinha estudado? A gente tinha que assistir a videoaulas no YouTube para ele aprender”, conta a mãe.

Professores apontam prejuízos

As perdas trazidas pela pandemia afetaram alunos de escola pública e particular, apesar de os impactos terem sido diferentes.

As principais preocupações dos professores de ambas as redes foram sobre as disciplinas de Português e Matemática, consideradas bases para as demais matérias.

Na rede pública, os professores relataram a dificuldade dos alunos com a escrita, devido às atividades terem sido focadas nas questões objetivas (com alternativas de respostas), e não nas discursivas.

“Com certeza, o aluno da escola pública, no geral, perdeu no fator da escrita. Mas, dentro da própria rede pública também tem muita desigualdade”, cita o professor de Língua Portuguesa da rede estadual Ricardo Costa Salvalaio.

Outro desafio foi com relação à Matemática, em que algumas crianças demoraram mais para adquirir habilidades em operações, como a divisão, e no entendimento de um problema, segundo a diretora da Escola Municipal Deocleciano Francisco da Vitória, em Cariacica, Ângela Maria de Oliveira.

De acordo com a professora e di-



ACERVO PESSOAL

O PROFESSOR
de Língua
Portuguesa
Ricardo Costa
diz que alunos
da rede pública
apresentaram
dificuldades
com a escrita
durante a
pandemia

retora administrativa e financeira do Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Espírito Santo (Sindiupes), Noêmia Simo-nassi, o ensino remoto trouxe impactos para todas as disciplinas.

“Por mais que os professores fizessem um esforço grande para passar as disciplinas para os alunos, eles, em casa, não tinham acompanhamento. Estudar sozinho é muito complicado. Foi um prejuízo enorme”, afirma Noêmia.

Com relação à rede privada, o vice-presidente do Sindicato das

Empresas Particulares de Ensino do Estado do Espírito Santo (Sinepe-ES), Eduardo Gomes, pontua que as dificuldades dos alunos foram semelhantes, como em leitura, escrita e Matemática.

Outro problema foi a ausência de muitos familiares no apoio aos alunos, conforme a percepção do professor de Língua Portuguesa da rede, Renan Andrade. “O excesso de uso de tecnologias pelos alunos fora do ambiente escolar foi outro problema. Temos hoje alunos pouco críticos”, observa.

Prefeituras e Sedu criam projetos e aulas de reforço

Na tentativa de diminuir as defasagens e desigualdades na educação, as prefeituras da Grande Vitória e a Secretaria de Estado da Educação (Sedu) têm realizado projetos e aulas de reforço.

Em Vitória, a prefeitura criou o “Educar para Vitória: Fortalecimento das Aprendizagens”, com foco na alfabetização de alunos do 1º ao 5º ano e nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, para turmas do 6º ao 9º ano.

“Todos os estudantes serão atendidos. Haverá um dia na semana dedicado ao reforço dos conteúdos para todas as turmas, no horário do turno em que eles estão matriculados”, disse a secretária municipal de Educação, Juliana Rohsner.

Já aqueles alunos que necessitam de mais atenção serão atendidos no contraturno escolar.

Na Serra, a prefeitura tem priorizado ações pedagógicas com foco na redução das perdas educacionais da pandemia. Entre eles, está o “Potencializando Aprendizagens”, com ações de auxílio a estudantes do 3º ao 9º ano do ensino fundamental e alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), que tem previsão de iniciar em março.

Em Cariacica, a prefeitura infor-

mou que, no período sem aulas presenciais, as atividades foram transmitidas pelo Centro de Mídias da Educação (Cemec), com aulas na TV aberta.

Para este ano, destacou que, no contraturno dos alunos, serão oferecidas aulas de reforço pela TV – também produzidas no Cemec – todos os dias da semana.

A Prefeitura de Vila Velha lançou em 2021 o projeto Tutoria Pedagógica, com acompanhamentos pedagógicos em Língua Portuguesa e Matemática. Para este ano, a secretária lançou o projeto Alfabetiza Vila Velha, para intensificar o trabalho pedagógico de alfabetização.

Já na rede pública estadual, a Sedu informou que tem realizado uma série de investimentos na Educação ao longo da pandemia. Entre eles, está a entrega de 60 mil notebooks para estudantes.

Outro investimento em tecnologia é a “Sala de Inovação e Experimentação”, uma ação da Sedu em parceria com o Google. “Para isso, as salas serão equipadas com kits de arduino (plataforma eletrônica para construção de projetos), impressora 3D, equipamentos de áudio e vídeo, além de internet sem fio (wi-fi)”, informou, em nota.



PATRICIA com o filho Kalebe, que está no 4º ano do ensino fundamental



JULIANA ROHSNER, secretária de Educação de Vitória, destacou projeto criado para reduzir as defasagens dos alunos da rede municipal

FABO NUNES - 25/01/2022

ACERVO PESSOAL

DESAFIOS NA EDUCAÇÃO

Escolas apostam em gibis, jogos e rodas de leitura

Estratégias variadas são usadas na rede pública para melhorar a aprendizagem e reduzir desigualdades entre os estudantes

Atividades dinâmicas e lúdicas foram as apostas das escolas públicas para recuperar a aprendizagem que foi afetada durante a pandemia de covid. Gibis, xadrez, jogos matemáticos e rodas de leitura são alternativas usadas para melhorar a aprendizagem e diminuir as desigualdades.

Um dos projetos de destaque é o "Aprendendo Brincando", da Escola Municipal Paulo Mares Guia, de Vila Velha, em que os alunos produzem gibis e plantam horta.

O objetivo é integrar as disciplinas de Português, com produção de texto; Matemática, com razão e proporção entre as mudas; e Ciências, com aprendizados sobre alimentação saudável.

A professora de Língua Portuguesa da escola e idealizadora do projeto, Terezinha Maria Gobbi Zen, salienta que o objetivo do programa é desenvolver nos alunos, impactados com a pandemia, o interesse pela leitura e escrita. "Isso refletiu muito positivamente em todas as disciplinas", conta.

Os alunos Sophia Costa Correia e Vinícius Fortunato Silva, ambos de 13 anos e da turma do 8º ano, foram participantes do projeto.

Sophia relata que o programa a estimulou a se alimentar de uma forma mais saudável. "Eu não con-



VINÍCIUS E SOPHIA fizeram gibis com o auxílio da professora Terezinha, que criou o projeto "Aprendendo Brincando"

“Os estudantes passaram a ter mais autoconfiança depois do projeto, e isso é excelente para a autoestima deles”

Terezinha Maria Gobbi, professora

seguia comer verduras e frutas e, com o projeto, comecei a comer”, cita.

O projeto teve início em 2021. Neste ano, a previsão é de que re-

torne em março.

A produção de jogos de Matemática pelos próprios alunos foi uma das estratégias da Escola Municipal Deocleciano Francisco da Vitória, de Vista Dourada, em Cariacica, para melhorar o desempenho dos alunos do 4º e do 5º ano na disciplina.

No jogo, a criança faz uma trilha e, no caminho, responde a perguntas. “A participação é total, todos pensam na resposta”, contou a diretora, Ângela Maria de Oliveira.

A tecnologia foi outra aliada para recuperar os prejuízos causados pela pandemia, no caso da Prefei-

tura de Vitória, que vai disponibilizar, no próximo mês, 30 mil tablets com internet aos estudantes, segundo a secretária municipal de Educação, Juliana Rohsner.

“Quando trazemos o tablet, falamos de inclusão digital e de facilitar a absorção dos conteúdos”, destaca.

Outra forma dinâmica de aplicar o ensino é pela prática do xadrez, realizada pela Escola Municipal Professora Eulália Falquetto, da Serra. Na unidade, de tempo integral, há também produção de horta para estimular a aprendizagem.

KADDOJA FERNANDES/AT

Ensino dinâmico aprovado

A estratégia de utilizar formas dinâmicas de ensino é vista positivamente pelos especialistas. Eles ressaltam que essa modalidade estimula os alunos.

Segundo o especialista em Sistemas Educacionais Edebrando Cavaliari, quanto mais motivação alimentarem os alunos, melhor.

DAYANA SOUZA - 04/09/2020



EDEBRANDE: inovações e motivação

“A pandemia trouxe muito desânimo. Penso que, neste momento, a criatividade deve ser exercida por todos que atuam na educação. Criar materiais didáticos e inovar nas metodologias de ensino são ações fundamentais. As escolas não podem recomeçar como se nada tivesse acontecido”, diz.

Outro ponto que poderia ser usado pelos professores, segundo o especialista, é aproveitar a pandemia nos conteúdos das disciplinas, principalmente Biologia, História, Química e Sociologia. “Assim, os alunos compreenderiam o contexto geral e específico da pandemia”, destaca Edebrando.

Segundo a doutora em Educação Edna Tavares, os jogos e didáticas que usem o lúdico são boas ferramentas educacionais, principalmente na pandemia.

“A criança, quando está em desvantagem, do ponto de vista de aprendizagem, se empenha um pouco mais quando há elementos dinâmicos de metodologia”.

PROJETO



KADUJA FERNANDES IAT

Momento literário para alunos

O estímulo à leitura foi uma das estratégias da Escola Municipal Deocleciano Francisco da Vitória, de Cariacica, para enfrentar as defasagens nessa habilidade.

No projeto “Momento Literário”, os alunos se espalham pela escola, escolhem um livro, conforme o tema proposto, e o leem. Depois dis-

so, preenchem uma ficha contando sobre a obra e vão a outras salas estimular outros estudantes a terem o gosto pela leitura.

Quem gostou de participar do momento foi a aluna Ana Clara Furtado Souza, de 12 anos. “A cada livro que eu leio, sinto que vou melhorando a leitura”, observa.